



A crítica textual do Novo Testamento de Erasmo a Westcott e Hort: uma introdução com fulcro nas discussões sobre tipos textuais

Adriano da Silva Carvalho¹

Resumo: Os documentos originais do Novo Testamento desapareceram muito cedo, provavelmente antes do fim do primeiro século, pois sequer são citados no período pós-apostólico e nem mesmo são mencionados como tendo sido vistos por alguém em algum lugar. Os manuscritos que sobreviveram e chegaram até nós são cópias das cópias. E essas cópias possuem muitos erros. Por isso, recorre-se à crítica textual com o intuito de restabelecer a forma primitiva do texto antes dos erros e mudanças produzidas pelas mãos e mentes dos copistas. Tem sido feito um esforço hercúleo para se chegar à forma do texto que circulou ou era conhecida nos primeiros anos do cristianismo. Os críticos textuais, por exemplo, levantaram muitas hipóteses e teorias como a dos tipos textuais, com o objetivo de apontar as cópias manuscritas que pudessem estar mais próxima daquilo que se pensava ser o texto do primeiro século. As edições de “Novum Instrumentum Omne” de Erasmo de Roterdã, que começou a ser vendido em 1 de março de 1516, e “The New Testament in the Original Greek (1881)” de Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort” representam o esforço dos estudiosos para dar ao público uma edição do Novo Testamento Grego baseada nos melhores e mais antigos manuscritos gregos que chegaram até nós. A presente pesquisa pretende descrever o início da crítica textual do Novo Testamento com ênfases na edição do Novo Testamento grego de Erasmo de Roterdã, nas pesquisas dos eruditos B. F. Westcott e F. J. A. Hort e na teoria dos tipos textuais.

Palavras-chave: Novo Testamento. Crítica textual. Erasmo de Roterdã. B. F. Westcott e F. J. A. Hort. Tipos textuais.

Abstract: The original New Testament documents disappeared very early, probably before the end of the first century, as they are not even quoted in the post-apostolic period and are not even mentioned as having been seen by anyone anywhere. The surviving manuscripts that have come down to us are copies of copies. And these copies have many errors. Therefore, textual criticism is used in order to restore the primitive form of the text before the errors and changes produced by the hands and minds of copyists. A Herculean effort has been made to arrive at the form of the text that circulated or was known in the early years of Christianity. Textual critics, for example, raised many hypotheses and theories such as textual types, with the aim of pointing to handwritten copies that could be closer to what was thought to be the first century text. Editions of “Novum Instrumentum Omne” by Erasmus of Rotterdam, which went on sale March 1, 1516, and “The New Testament in the Original Greek (1881)” by Brooke Foss Westcott and Fenton John Anthony Hort” represent the effort of scholars to give the public an edition of the Greek New Testament based on the best and oldest surviving Greek manuscripts.

The present research intends to describe the beginning of the textual criticism of the New Testament with emphasis on the edition of the Greek New Testament of Erasmus of Rotterdam, in the researches of the scholars B. F. Westcott and F. J. A. Hort and in the theory of the textual types.

Keywords: New Testament. Textual criticism. Erasmus of Rotterdam. B. F. Westcott and F. J. A. Hort. Text types.

¹ Mestre em Estudos Hermenêuticos e Novo Testamento pelo CPAJ/ Universidade Mackenzie-SP. Professor do Departamento de Línguas Clássicas e Vernáculas do Instituto Brasileiro de Educação Integrada – IBEL.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5533552880996921>

E-mail: adriano3656@gmail.com





1. Introdução

Os documentos originais do Novo Testamento desapareceram muito cedo, provavelmente antes do fim do primeiro século, pois sequer são citados no período pós-apostólico, nem mesmo são mencionados como tendo sido visto por alguém em algum lugar (WESTCOTT; HORT, 1882: xii; EHRMAN, 2006: 1; DUPONT; MERCIER, 2000: 5). Supôs-se que os primeiros crentes estivessem tão inquietos com a parúsia (crença numa segunda vinda de Jesus) que não se preocuparam em preservar os documentos originais que tinham em mãos (DUPONT; MERCIER, 2000: 12). Mas a verdade é que manuscritos em papiros não podiam durar por muito tempo, sobretudo, quando submetidos ao manuseio diário (DUPONT; MERCIER, 2000: 12). Além disso, o próprio material do qual eram feitos, além de frágil, não aceitava bem a tinta, que costumava corroê-los, tornando-os pouco aproveitável (WESTCOTT; HORT, 1882: XII; LADD, 1990: 45,46; DUPONT; MERCIER, 2000:12). Porém, antes de se despedaçarem nas mãos dos leitores esses manuscritos eram copiados. Mas essas cópias estão de acordo com o texto autógrafa?² Existe um tipo textual que espelha o texto original do Novo Testamento? O que podemos saber sobre eles? A crítica textual tem competência para lidar com o desafio que foi colocado diante dela? Essas e outras perguntas serão respondidas por esta pesquisa.

2. O objetivo da crítica textual

A crítica textual teve início entre os gregos (METZGER; EHRMAN, 2005: 197), mas seu desenvolvimento científico está relacionado com a grande biblioteca de Alexandria no Egito (HULL, 2010: 31-32; METZGER, EHRMAN, 2005: 197).³ Ela é uma arte e uma ciência: um método de estudo do campo da filologia que busca recuperar as palavras “originais” de um documento antigo que não existe mais (EPP, 1989: 213). Ela estuda todas as cópias disponíveis com o objetivo de encontrar o texto mais próximo do exemplar autógrafa (EJENOBO, 2008: 127). O foco está nas evidências preservadas das várias fases do texto. Essas evidências no caso do texto do Novo Testamento superam o número de 5.800 manuscritos (PORTER, 2013: 23). Nesse caso, o problema não reside

² Termo usado para designar os originais do Novo Testamento escritos pelos próprios apóstolos ou seus seguidores.

³ Essa biblioteca tinha a fama de ter um acervo de mais de 600.000 mil livros.





na falta de evidências, mas na ausência de um texto estável no processo de sua transmissão (ALAND, 1987: 144).

2.1. Por que precisamos da crítica textual?

Precisamos da crítica textual no estudo do texto grego do Novo Testamento porque os originais se extinguíram. Tudo o que temos são cópias com muitas variantes textuais.⁴ A edição do Novo Testamento Grego de John Mill publicada em 1707 apontou 30.000 variantes textuais no texto do Novo Testamento grego (Apud em: LADD, 1990; 62). Esses erros surgiram do processo de copiar manualmente um documento. Alguns são tidos como involuntários. Por exemplo, quando um copista realizava uma cópia por ditado ele dependia de um leitor, e nesse caso, se este cometesse um erro de leitura, ele (o copista) acabaria registrando o equívoco. Mas sabe-se também que os copistas cometiam erros porque não se cercavam dos cuidados exigidos pelo ofício que executavam (ECHEGARAY (et al.), 1990: 525). Além disso, acredita-se que alguns copistas pudessem eliminar ou modificar uma expressão que parecesse inaceitável ou representasse uma dificuldade doutrinal (METZGER, 2006: 51-52). Por exemplo, os melhores manuscritos do texto Alexandrino e Ocidental conservam a frase em Mateus 24.36: “ουδε ο υιος”- “nem o Filho”, no entanto, a expressão “ουδε ο υιος” não se encontra na maioria das testemunhas do tipo bizantino (METZGER, 2006: 51). Supõe-se que houvesse sido tirada do texto por um copista por representar uma dificuldade doutrinária (METZGER, 2006: 51-52). Assim, portanto, para se estabelecer o texto grego do Novo Testamento é preciso avaliar, comparar e julgar os motivos das discordâncias textuais e então escolher qual texto tem mais chances de estar próximo do documento autógrafo ou do texto inicial⁵.

2.2. A crítica textual e o Novo Testamento

A crítica textual aplicada ao estudo do texto grego do Novo Testamento teve início com a “Poliglota Complutense”, a primeira edição impressa multilíngue de toda a Bíblia e com a edição de o “Novum Instrumentum Omne”⁶ de Erasmo de Roterdã, que começou a ser vendida em 1 de março de 1516 (ALAND; ALAND, 1989: 3; METZGER, 2006: 8*).

3. O Novo Testamento de Erasmo

⁴ Termo usado para descrever as diferentes leituras que existem em alguns manuscritos no mesmo lugar de determinado versículo.

⁵ Em crítica textual “texto inicial” é a forma do texto a partir da qual começou a transmissão.

⁶ Novo Testamento grego.





A edição do Novo Testamento grego de Erasmo veio a público apenas um ano antes de Martinho Lutero fixar suas 95 teses na igreja de Wittenberg na Alemanha (NESTLE, 1901: 1-3; EHRMAN, 2006: 1). Ela se tornou o primeiro Novo Testamento grego a ser publicado (ROBERTSON, 1925: 18). Porém, essa não foi uma edição perfeita, pois podiam ser percebidos lugares onde Erasmo interpolou o texto grego com o da Vulgata latina como em Atos 9.6, produzindo uma leitura que não ocorre em nenhum manuscrito grego conhecido (LADD, 1990: 48). O interessante é que em 1 João 5.7-8 Erasmo omitiu o chamado “testemunho trinitário” - afirmando que embora esses versos aparecessem na Vulgata não tinham apoio de nenhum manuscrito grego (METZGER, 2006: 642-643; LADD, 1990: 48). Na edição de seu Novo Testamento grego, Erasmo usou cinco manuscritos que datavam dos séculos XII ao XV e que compreendiam as distintas divisões do Novo Testamento conhecidas naquela época: os Evangelhos, o Apóstolos, Atos e epístolas (ROBERTSON, 1925:18; LEWIS, 1984:66). Erasmo tinha manuscritos gregos e latinos e também citações feitas por pais primitivos como Orígenes, Crisóstomo, Cirilo, Jerônimo, Ambrósio, Hilário e Agostinho (SAMPSON, 1882: 40). No entanto, para a maior parte do seu texto orientou-se por dois manuscritos bastante inferiores (METZGER, 2006: 8*). Ele os comparou com outros dois ou três manuscritos e introduziu correções nas margens ou entre as linhas do texto das cópias que entregou para serem impressas (METZGER, 2006: 8*). Para traduzir o livro do Apocalipse precisou contar com a ajuda do seu amigo Reuchlin que o emprestou um manuscrito incompleto (METZGER, 2006: 8*). Para traduzir a parte que faltava ao livro de Apocalipse, Erasmo lançou mão da Vulgata latina de Jerônimo: traduzindo do latim para o grego os versos ausentes (METZGER, 2006: 8*). Essa improvisação produziu variantes que não são encontradas em nenhum manuscrito grego do Novo Testamento (METZGER, 2006: 8*).

3.1. Popularidade

O Novo Testamento de Erasmo alcançou muita popularidade. Sua primeira edição se esgotou muito rápido (METZGER, 2006: 9*). Uma segunda edição, com a correção de alguns erros foi apresentada ao público em 1519 (METZGER, 2006: 9*). Essa edição foi usada como base por Lutero e Tyndale para as traduções do Novo Testamento em Alemão (1522) e Inglês (1525) (METZGER, 2006: 9*). Desse modo o texto de Erasmo se tornou absoluto entre os protestantes (METZGER, 2006: 9*). Foi o Novo Testamento da igreja no período da Reforma (ALAND, 1987: 131). Mas sua apoteose viria ocorrer por volta





do ano de 1633 quando um conhecido editor de livros chamado Elzevir se refere a ela com as seguintes palavras: “Textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum: in quo nihil immutatum aut corruptum damus” (ALAND; ALAND, 1989: 6).⁷ Mas os especialistas têm ressaltado o tom propagandista dessa afirmação (ALAND; ALAND, 1989: 6-8). Isso porque a edição de Erasmo revelava uma obra precipitada e continha um elevado número de erros (ALAND; ALAND, 1989: 4). Um crítico inglês do século XIX chegou a afirmar que o Novo Testamento de Erasmo foi de todos os livros que já se publicou aquele que menos foi cercado de cuidados em sua preparação (ALAND; ALAND, 1989: 4).

3.2. Período crítico

Nas décadas seguintes a publicação da edição de o “Novum Instrumentum Omne”, os estudiosos procuraram coletar e reunir variantes do texto impresso, iniciando o que se convencionou chamar de período crítico (EJENOB, 2008: 128). As pesquisas mais importantes neste período foram feitas pelos eruditos ingleses John Mill, em 1707; Richard Bentley, em 1720; e Edward Wells e Daniel Mace, 1709/1719 e 1729. Mais tarde, a liderança desse tipo de pesquisa viria a ser assumida pelos eruditos alemães Johann Albrecht Bengel (1687-1752) que reimprimiu o Textus Receptus e classificou cada leitura em um aparato por meio de um sistema “em que as duas primeiras classes equivaliam a uma virtual revisão do Textus Receptus (a = a leitura original, com absoluta certeza; b = uma leitura superior ao Textus Receptus, embora não se possa afirmá-lo com absoluta certeza)” (ALAND; ALAND, 1989: 9). O trabalho de Bengel seria superado por Johan Jakob Westttein (1693-1754) que publicou uma edição de dois volumes em 1751-1752, na qual dobrou o número de manuscritos citados, além de elaborar um aparato de paralelos ao Novo Testamento extraído de autores judeus e pagãos (ALAND; ALAND, 1989: 9). Por fim, coube a Johann Jakob Griesbach (1745-1812) dar forma definitiva às edições do século 18 (ALAND; ALAND, 1989: 9). Durante quase todo o século 18 foi possível reunir uma grande quantidade de informações de muitos manuscritos gregos e da literatura patrística. E na primeira metade do século XIX (1831) Karl Lachmann resolveu usar os mesmos critérios aplicados em edições de textos clássicos no estudo do texto do Novo Testamento, assim surgiram às edições críticas do Novo Testamento grego (METZGER, 2006: 10*). Dessas edições se destacaram a oitava edição de Von Tischendorf (1869-72), com um grande tesouro de leituras variantes e a famosa edição

⁷ “O que tens aqui, pois é o texto que hoje é universalmente recebido: nós o apresentamos livre de quaisquer alterações ou corrupções” – Tradução nossa.





preparada pelos eruditos de Cambridge B. F. Westcott e F. J. A. Hort (1881)⁸ (METZGER, 2006: 10*).

4. WESTCOTT-HORT

Brooke Foss Westcott e Fenton John Anthony Hort foram classificados como os melhores estudiosos do grego e da bíblia da Inglaterra em seus dias (WESTCOTT; HORT, 1882: ix). Hort foi professor da Universidade de Cambridge. Acredita-se que nenhum outro homem vivo era mais familiarizado com a história textual do Testamento Grego do que ele (WESTCOTT; HORT, 1882: ix). Suas duas dissertações: “μονογενῆς Θεός” – “Deus unigênito” e “Constantinopolitan Creed” – “Credo Constantinopolitano” (1876) evidenciaram seu grau de conhecimento do período patrístico e sua perspicácia crítica (WESTCOTT; HORT, 1882: ix).

Westcott também lecionou em Cambridge. Foi autor de várias obras importantes e úteis como História da Bíblia em Inglês; uma história do cânon do Novo Testamento; uma introdução ao estudo do Evangelho e um comentário sobre o Evangelho de João (WESTCOTT; HORT, 1882: x). Westcott e Hort mantiveram correspondência constante e um diário de suas discussões sobre todas as importantes questões textuais (WESTCOTT; HORT, 1882: x).

4.1. Codex Vaticanus e Sinaiticus

Esses dois manuscritos do século IV eram na opinião de Westcott-Hort os mais dignos de confiança para a reconstrução do texto de grego do Novo Testamento (LADD, 1990: 61). Eles acreditavam que esses documentos espelhavam um texto sem refinamentos, corrupções ou mesclas, que foi designado como “texto neutro”⁹ (LADD, 1990: 61). Westcott e Hort acreditavam que o texto desses dois codex e do codex alexandrino descendia de um ancestral comum, mas deixaram claro que o “texto neutro” representado nos manuscritos Sinaiticus e Vaticanus teria sido conservado de maneira bastante exata, enquanto que no alexandrino havia sido poluído e influenciado até certo ponto pelo texto Ocidental (LADD, 1990: 61). No entanto, “a qualidade textual do Vaticanus é inferior no corpus paulino: nos Evangelhos e em outros lugares é muito superior ao Sinaiticus” (ALAND; ALAND, 1989: 14). O codex Vaticanus foi de suma

⁸ The New Testament in the Original Greek.

⁹ Hoje se sabe que nunca existiu um “texto neutro”.





importância para a tradução em 1881 do “The New Testament in the original Greek” (O Novo Testamento no original grego) de Westcott-Hort (ALAND; ALAND, 1989: 14).

4.2. Teoria e método

Acreditando que o Novo Testamento não havia sofrido falsificação deliberada, Westcott-Hort usaram o método genealógico na tentativa de estabelecer o seu texto. Esse método era também aplicado nos estudos dos clássicos. Ele consistia na recuperação mais ou menos completa de textos ancestrais sucessivos por meio de análise e comparação dos textos diferentes dos seus respectivos descendentes, cada texto ancestral recuperado poderia ser usado em conjunto com outros textos similares para a recuperação de um texto ancestral comum bem mais antigo (METZGER; EHRMAN, 2005: 197). Eles acreditavam que uma genealogia das leituras variantes seria um recurso extremamente importante, pois a leitura a partir da qual se consegue naturalmente (isto é, sem forçar a situação) explicar a origem das demais tem a maior probabilidade de ser a original (ALAND; ALAND; 1989: 281).

Outro método importante na teoria Westcott-Hort foi o da confluência. Esse método consiste na análise das possíveis combinações de uma leitura de um documento com a de outro. Foi com base nesse método que esses dois eruditos concluíram que o texto Bizantino combinava leituras do texto Neutro e do Ocidental, o que era uma indicação de inferioridade. Eles passaram afirmar que os textos mais curtos, contendo o mínimo de adição textual, seriam os melhores. Os métodos de confluência e genealógico passaram a integrar as regras básicas da crítica textual (ALAND; ALAND, 1989: 280- 282).

4.3. Tipos textuais

As muitas cópias do Novo Testamento dos primeiros quatro séculos trazem marcas linguísticas das regiões de onde foram produzidas. Essas marcas servem para distinguir e classificar os tipos textuais dos milhares de manuscritos gregos do Novo Testamento. É opinião de alguns estudiosos que os tipos textuais surgiram das grandes recensões ocorridas entre o terceiro e quarto séculos (ALAND; ALAND, 1989: 317; (ECHEGARAY *et al.*), 1990: 529). Acreditava-se ser possível entender as linhas de desenvolvimento da tradição textual e conhecer à forma do texto que circulava no momento das grandes recensões (ECHEGARAY *et al.*), 1990: 530). Esse tipo de estudo teve início com J. A. Bengel e foi desenvolvido por Westcott/Hort e Von Soden (ECHEGARAY *et al.*), 1990: 530). Esses estudiosos distinguiram quatro tipos textuais: alexandrino, ocidental, bizantino e cesareense (ECHEGARAY *et al.*), 1990: 530). Cada





um desses tipos teria tido origem nas grandes capitais onde existiam comunidades cristãs: Alexandria, Roma e Constantinopla. E como cada uma dessas cidades desenvolveu uma tradição textual, os manuscritos produzidos nelas tendem naturalmente a revelar certas especificidades textuais próprias (METZGER, 2006: 5*). Uma cópia do Novo Testamento, por exemplo, produzida em Alexandria no Egito revelaria a tradição textual daquele lugar, por isto é possível falar em um tipo textual alexandrino (AUNE, 2010: 82). No entanto, em alguns casos podia acontecer de um texto local diluir-se ou mesclar-se com outros tipos textuais (METZGER, 2006: 4*- 5*). Mesmo assim seria possível identificar os tipos textuais com base em certo grau de concordância no que diz respeito: “(a) ao conjunto de variações distintas para essa tradição textual; e (b) o padrão identificável de variação, mesmo quando leituras individuais possam ser compartilhadas com outras tradições” (AUNE, 2010: 81- 82).

Os Aland's dão como certo que os tipos textuais surgiram por interesse de natureza eclesiástica ou teológica em algum momento entre o final do terceiro século e começo do quarto (ALAND; ALAND, 1989: 51).

Embora os tipos textuais difiram um do outro, sabe-se que essas diferenças consistem em pequenos detalhes. Boa parte tem a ver com grafias alternativas de uma mesma palavra e ligeiros arranjos de ordem de palavras que não afetam o significado do texto. Além disso, deve-se repetir, essas divergências não impedem que seja traçada a origem de um manuscrito e classificado o tipo textual espelhado (COVINGTON, 2004: 10).

4.4. Tipo textual bizantino

Esse tipo textual recebeu variadas designações ao longo dos anos. Ele já foi chamado de texto Siríaco, texto koiné, texto Eclesiástico e texto Antioqueno (METZGER, 2006: 7*). Ele é segundo Metzger o último dos vários tipos textuais do Novo Testamento com características próprias (METZGER, 2006: 7*). Foi provavelmente produzido em Antioquia da Síria e levado à Constantinopla de onde foi amplamente distribuído por todo Império bizantino (METZGER, 2006: 7*). Esse tipo textual era reconhecido como tendo autoridade, por isso, foi o mais difundido (do sexto século até a invenção da imprensa) (METZGER, 2006: 8*). Acreditava-se que esse tipo textual apareceu em uma forma rudimentar no século IV (METZGER; EHRMAN, 2005: 279).





4.4.1 Aspectos favoráveis

O tipo textual bizantino tem como qualidades a lucidez e completude (METZGER; EHRMAN, 2005: 279). Ele foi o tipo textual que se tornou popular em Constantinopla de onde foi distribuído por todo império bizantino”(METZGER; EHRMAN, 2005: 280). Foi o preferido de toda a tradição textual do século VII em diante: e serviu de base até o século XIX para quase todas as traduções do Novo Testamento grego (METZGER, 2006, 10*).

4.4.2. Testemunhas

As testemunhas¹⁰ do tipo textual bizantino são nos Evangelhos: A E F G H K P S V W (em Mateus e Lucas 8.13-24.53) Π Ψ (parcialmente em Lucas e João) Ω e a maioria dos mss¹¹ minúsculos (METZGER, 2006: 16*). No livro de Atos são: H L P 049 e a maioria dos mss minúsculos (METZGER, 2006: 16*). As testemunhas para as Epístolas são: L 049 e a maioria dos mss minúsculos (METZGER, 2006: 16*). Para o livro de Apocalipse as testemunhas são: 046 051 052 (METZGER, 2006: 16*).

4.4.3. Aspectos negativos

O tipo textual bizantino carregava os seguintes aspectos negativos: tradição tardia e um texto resultante de confluência.¹² (METZGER; EHRMAN, 2005: 279). Além disso, percebeu-se a intenção à concordância de passagens paralelas entre si (METZGER; EHRMAN, 2005: 279-280). Essas modificações depõem contra a sua integridade (METZGER, 2006: 8*). Para alguns estudiosos o tipo textual bizantino é a mais corrupta forma textual (METZGER, 2006: 10*).

4.5. Tipo textual alexandrino

Este tipo textual teria surgido na cidade de Alexandria no Egito, que era conhecida em todo mundo antigo como um importante centro de aprendizagem e cultura. A cidade possuía uma longa tradição no campo dos estudos críticos textuais, graças ao seu famoso museu e sua exuberante biblioteca: habitação de filólogos renomados e escribas hábeis. Por essa razão, acreditava-se que as testemunhas textuais produzidas nessa cidade revelavam uma qualidade superior (METZGER; EHRMAN, 2005: 278). Parece

¹⁰ Termo aplicado a todas as cópias manuscritas do Novo Testamento anteriores a invenção da imprensa e que permitem estabelecer um texto. As testemunhas do Novo Testamento grego são: (1) Manuscritos gregos de papiros, pergaminhos, (2) citações dos Pais da igreja (também lecionários) e (3) versões do Novo Testamento em outras línguas.

¹¹ MSS é a abreviação usada em crítica textual para Manuscritos.

¹² Combinação de duas ou mais leituras variantes para formar um texto expandido.





realmente haver evidências de que uma versão muito antiga do Texto do Novo Testamento foi copiada e preservada em Alexandria. Isso parece estar demonstrado em Orígenes e Atanásio (terceiro e quarto séculos), nos manuscritos p⁶⁶ e p⁷⁵, e ainda nos Codex Vaticanus e Sinaiticus (METZGER; EHRMAN, 2005: 278).

As duas características distintivas do tipo textual alexandrino são sua brevidade e austeridade (METZGER, 2006: 5*). Suas testemunhas estão divididas em primárias e secundárias, isso porque mesmo esse tipo textual acabou sofrendo alterações de natureza gramatical e estilística.

4.5.1. Testemunhas primárias

As testemunhas primárias são as seguintes: p⁴⁵ (em Atos) p⁴⁶ p⁶⁶ p⁷⁵ & B Sahidica (em parte) Clemente de Alexandria, Orígenes (em parte) e a maioria dos fragmentos de papiros com textos paulinos (METZGER, 2006: 15*; METZGER; EHRMAN, 2005: 278).

4.5.2. Testemunhas secundárias

As testemunhas secundárias são: Evangelhos: (C) L T W (em Lucas 1.1-8.12 e João) (X) Z D (em Marcos) X Y (em Marcos e parcialmente em Lucas e João) 33 579 892 1241 Bohárica Atos: p⁵⁰ A (C) Y 33 (11.26-28.31) 81 104. 326 (METZGER, 2006: 15*). Epístolas paulinas: A (C) H I Y 33 81 104 326 173 (METZGER, 2006: 15*). Epístolas Católicas: p²⁰ p²³ A (C) Y 33 81 104 326 1739 (METZGER, 2006: 15*). Apocalipse: A (C) 1006 1611 1854 2053 2344; menos confiáveis, p⁴⁷ & (METZGER, 2006: 15*).

4.5.3. Os dois principais representantes

Os dois principais representantes do texto alexandrino são o Codex Vaticanus (B 03) e o Codex Sinaiticus (01 - &): dois manuscritos de pergaminho copiados por volta do quarto século. Com a descoberta e a publicação em 1950 dos papiros de Bodmer em especial o p⁶⁶ e p⁷⁵ surgiram evidências de que o tipo textual alexandrino podia remontar a um arquétipo¹³ do começo do segundo século (AUNE, 2010: 82). A consistência desse tipo textual através de todos os livros do Novo Testamento impressionou a muitos estudiosos (METZGER, 2006: 15*). Essa consistência poderia estar indicando o cuidado no processo de transmissão para preservar às formas originais do texto. Por essa razão,

¹³ Manuscrito hoje perdido do qual todos os manuscritos existentes descendem.





muitos afirmaram que o tipo textual alexandrino era o melhor, isto é, aquele que preservava o original com maior fidelidade (ALAND; DELOBEL, 1994: 34; METZGER, 2006: 5*). Para alguns autores esse tipo textual deveria ser por definição a base do resto das leituras na unidade de variação (ALAND; DELOBEL, 1994: 34). A crença na superioridade desse tipo textual era tão grande que muitos estudiosos não estavam abertos a adotar uma abordagem eclética¹⁴ na crítica textual do Novo Testamento: Para eles leituras de diferentes tipos textuais não poderiam ser aceitas como originais (ALAND; DELOBEL, 1994: 34).

4.6. Tipo textual ocidental

Este tipo textual teve ampla circulação na Itália, Gália, Síria e norte da África (AUNE, 2010: 276-277). É possível que tenha resultado de cópias do segundo século (METZGER; EHRMAN, 2005: 276). Esse tipo é tão antigo quanto o alexandrino, mas falta-lhe à homogeneidade e consistência das outras duas principais tradições textuais (AUNE, 2010: 82). Além disso, ele parece representar uma tradição de cópia, de edição e de tradução não controlada: notou-se tendências para harmonizações, paráfrases e substituição de sinônimos, adições (algumas, aliás, bastante longas) e um pequeno grupo teologicamente significativo de omissões (AUNE, 2010: 82).

4.6.1. Testemunhas

Os maiores representantes desse tipo textual são: o códice de Bezae (D/05); p⁴⁵ Ⲙ W (em todos os Evangelhos em parte), D/06 F G (nas epístolas paulinas), entre outros (AUNE, 2010: 82).

4.7. Tipo textual cesariano

O texto cesariano não é muito homogêneo: é uma mistura de ocidental e africano (DUPONT; MERCIER, 2010: 56-57).

4.7.1. Testemunhas

As testemunhas do tipo textual cesariano são: P⁴⁵; W032 (Mc. 5,31-16,20) Θ038; f¹, f¹³, 28, 565, 700: vários lecionários gregos, versões armênias e georgianas, Orígenes e Eusébio (DUPONT; MERCIER, 2010: 56-57).

¹⁴ Essa abordagem propõe uma avaliação caso a caso de cada leitura variante por meio de critérios externos e internos. Ele nivela todas as leituras variantes! Todas passam a ser reais candidatas ao posto de texto original, independente da data, origem, contexto cultural etc.





Alguns estudiosos parecem estar convencidos de que qualquer uma das três principais tradições textuais: Alexandrina, Ocidental ou Bizantina podiam preservar de forma independente leituras originais. Os Aland's escreveram que a obstinação para identificar as diferenças entre os tipos textuais impedia em alguns casos, que fosse destacada a concordância entre eles: a concordância, por exemplo, entre o texto alexandrino e bizantino pode passar de 80% (ALAND; ALAND, 1989: 28). Atualmente os críticos textuais estão mais inclinados ao uso de uma abordagem eclética na análise da massa de manuscritos gregos sobreviventes do Novo Testamento. Aliás, esse tipo de abordagem tem sido a preferida da crítica textual no século XX (EPP, 1974: 404). Ela tem sido empregada, inclusive, em algumas edições do Novo Testamento Grego.

4.8. Os pontos fracos da teoria dos tipos textuais

Para alguns estudiosos a teoria dos tipos textuais tem pontos fracos. Eles dizem, por exemplo, que o conceito de tipos textuais carece de uma definição mais exata, lembram que a teoria foi criada a partir do exame de um número limitado de manuscritos (ALAND; ALAND, 1989: 332-336). De fato, até agora, apenas um grupo muito pequeno de manuscritos gregos do Novo Testamento foi examinado (ALAND; ALAND, 1989: 332). Diante disso, foi proposto que se classifique os manuscritos gregos do Novo Testamento por categorias (ALAND; ALAND, 1989: 335-336).

5. *Novum Testamentum Graece*

A crítica textual depois da edição do Novo Testamento grego de Erasmo foi a cada dia se tornando mais robusta e madura. O que contribuiu para surgimento de uma edição do Novo Testamento que viria se estabelecer como muito popular: o “*Novum Testamentum Graece*” de Eberhard Nestle, que veio a ser adotada em 1904 pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (ALAND; ALAND, 1989: 19). O método usado por Nestle na edição do seu Novo Testamento grego foi muito simples. Ele comparou os textos de Tischendorf (a edição estereotípica de Gebhardt, de 1895) com os de Westcott-Hort, e em havendo divergências entre elas, consultava uma terceira edição para desempate (a princípio, a segunda edição de Richard Francis Weymouth, de 1892, e depois de 1901, e a edição de 1894-1900 de Bernhard Weiss) (ALAND; ALAND, 1989: 19). Kurt Aland e Barbara Aland explicaram isso:

(...) da concordância de duas edições resultava o texto, enquanto a leitura da terceira era colocada no aparato crítico. O uso de uma série de símbolos permitia ao leitor reconstruir com exatidão os textos das edições usadas (indicando inclusive as leituras marginais na edição de Westcott-Hort, junto





com as referências a manuscritos). Em uma ou duas linhas, Nestle apresenta as leituras do Codex Bezae Cantabrigiensis por influência do ponto de vista de Westcott-Hort (ALAND; ALAND, 1989: 19).

6. Conclusão

Este trabalho descreveu o início da crítica textual do Novo Testamento com a edição de o “Novum Instrumentum Omne” de Erasmo de Roterdã e evolução das pesquisas do texto grego do Novo Testamento a partir das teorias de Westcott-Hort. Também apresentou uma análise dos tipos textuais destacando seus aspectos favoráveis e desfavoráveis.¹⁵

Como conclusão, pretende-se destacar que para esta pesquisa, os críticos textuais têm se esforçado para responder ao desafio de restabelecer o texto grego do Novo Testamento (O Novo Testamento Grego, 2008: v). Eles continuam trabalhando em novas e melhores edições do Novo Testamento Grego. O Instituto de Pesquisas Textual do Novo Testamento em Münster (Alemanha), por exemplo, está envolvido em uma edição inteiramente nova do Novo Testamento em língua grega, a chamada Editio Critica Maior, que documentará a história do texto grego ao longo do primeiro milênio com base em manuscritos gregos, traduções antigas e citações do Novo Testamento na literatura cristã antiga que são importantes para a história da transmissão. Esta edição fornecerá informações para responder as seguintes perguntas: como um texto muda ao longo da história e por quê? Como um texto era recebido no início da era cristã? A primeira edição da Editio Critica Maior apareceu em 1997, toda a Editio Critica Maior deve ser concluída por volta de 2030.¹⁶

Por fim, deve-se reconhecer que a crítica textual apresenta informações táteis e documentais quando trata dos erros nos muitos manuscritos gregos sobreviventes do Novo Testamento, quando afirma que a ortografia pode ser datada e defende que as harmonizações no texto apontam para uma tendência secundária. Mas ao falar sobre texto "original" está trabalhando com hipóteses e conjecturas. Os chamados "autógrafos" entraram em extinção muito cedo, pois no período pós-apostólico eles sequer são citados ou mencionados como tendo sido vistos por alguém em algum lugar. Por isso, para alguns estudiosos a tarefa de recuperar o texto "original" do Novo Testamento está além da

¹⁵ Os tipos textuais podem ensinar sobre a história social do cristianismo primitivo e de como os primeiros cristãos lidavam com os textos que vieram a ser tidos como “inspirados”.

¹⁶ Para mais informações ver: Editio Critica Maior (ECM) em Deutsche Bibel Gesellschaft Academic.





capacidade da crítica textual. Simplesmente porque não há um "original" a ser recuperado ou descoberto, mas um texto que em muitos lugares foi preservado em multicamadas (PARKER, 1997: 204). Além disso, deve-se manter em mente que nenhum manuscrito ou grupo de manuscrito escapou a algum grau de corrupção (FEE, 1978: 19-33).

Referências

Referências primárias

ALAND, Barbara; DELOBEL, J. (org.). **New Testament Textual Criticism, Exegesis and Church History: a Discussion of Methods**. Kampen: Kok Pharos Publishing House, 1994.

ALAND, Kurt. The Text of the Church. **Trinity Journal**, 8 NS, 1987. p.131-144.

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **The Text of The New Testament: an introduction to the critical editions and to the theory and practice of modern textual criticism**. 2ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

AUNE, David E (Ed.). **The Blackwell companion to The New Testament**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2010.

DUPONT- ROC, Roselyne; MERCIER, Philippe. **Los manuscritos de La Biblia y La crítica textual**. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2000.

ECHEGARAY, J. González; ASURMENDI; MARTÍNEZ, F. García; SCHOKEL, L. Alonso; CARO, J.M. Sanchez; Barrera, J. Treballe. **Introducción AL Estudio de La Biblia: La Biblia en Su Entorno**. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1990.

EHRMAN, Bart D. **Studies in the Textual Criticism of the New Testament**. **New Testament Tools and Studies** 33. Boston: Brill, 2006.

EJENOBO, David T. Textual Criticism: Its Value to New Testament Studies. **Asia Journal of Theology**, 22, nº 1, April 2008. p. 126-14.

EPP, Eldon Jay. Twentieth century interlude in New Testament textual criticism. **Journal of Biblical Literature**, 1974. p. 386-414.

EPP, Eldon Jay. New Testament criticism, past, present, and future: Reflections on the Aland's text of the New Testament. **Harvard Theological Review**, 82, no 2 Apr 1989. p. 213 – 230.

FEE, Gordon D. Modern textual criticism and the revival of the Textus Receptus. **Journal of the Evangelical Theological Society**, 1978. p.19-33.





HULL Jr. Robert F. **The Story of the New Testament Text: Movers, Materials, Motives, Methods, and Models.** Atlanta: Society of Biblical literature, 2010.

LADD, George E. **Crítica Del Nuevo Testamento: Una Perspectiva Evangélica.** El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1990.

LEWIS, Jack P. The Text of The New Testament. **Restoration Quarterly**, 27 no 2, 1984. p. 65-74.

METZGER, Bruce M. **Un Comentario textual AL Nuevo Testamento Griego.** Version AL castellano de Moisés Silva y Alfredo Tepox. Stuttgart: German Bible Society, 2006.

METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Barth D. **The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration.** 4ª ed. New York: Oxford, 2005.

NESTLE, Eberhard. **Introduction to the textual criticism of the Greek New Testament.** London: Williams and Norgate; New York, G. P. Putnam's Sons, 1901.

PARKER, D.C. **The Living Text of the Gospels.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PORTER, Stanley. **How we got the New Testament: Text, Transmission, Translation.** Michigan: Baker Academic, 2013.

ROBERTSON, A. T. **An Introduction to The Textual Criticism of the New Testament.** London: Hodder & Stoughton, 1925.

SAMPSON, George Whitefield. **English Revisers' Greek Text - Shown to be unauthorized except by - Egyptian copies Discarded by Greeks and to be opposed to the Historic Text of all ages and Churches.** Cambridge: Moses King, Publisher Harvard Square, 1882.

SBB. **O Novo Testamento Grego – Quarta edição Revisada.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

WESTCOTT, Brooke Foss; HORT, Fenton John Anthony. **The New Testament in the Original Greek.** Nova Iorque: Harper & Brothers, 1882.

Referências secundárias

COVINGTON. Michael A. **Notes on the Original greek Text of the New Testament**, 2004. Disponível em: <https://www.covingtoninnovations.com/nttext.pdf>. acessado a 05 de Abril de 2022.

